

LEITURA DO CONTO *PASSEIO NOTURNO* PARTE I, DE RUBEM FONSECA SOB A PERSPECTIVA DA CORRENTE CRÍTICA SOCIOLÓGICA

Douglas da Silva Martins; (1): Ana Paula Rodrigues Da Silva Bühner; (2): Vanessa Barros Gomes; (3): Gersilene Sousa Dias; (4): Terezinha de Jesus Maia Lima (5)

*Universidade Estadual do Maranhão – Uema
Centro de Estudos Superiores de Balsas – Cesba*

douglas-muz@outlook.com (1); ana-star2010@hotmail.com (2); waaneessa.barros@gmail.com; (3); gersilenedias@hotmail.com (4); terezzamaia@yahoo.com.br (5)

Introdução

Schnaiderman (1994) afirma que a violência constante nos contos de Fonseca cria uma esfera rica e mutável, na qual, baseado em Bakhtin, percebe-se com clareza a alternância das vozes de brutalidade, de cultura e da sociedade. Essas vozes só existem mescladas, uma repercutindo na outra, compondo uma situação que o teórico denomina “dialógica”. Destarte, o presente trabalho tem por finalidade analisar, por meio da corrente crítica sociológica fundamentada por Antonio Candido, Mikhail Bakhtin, Boris Schnaiderman os fundamentos que compõem o texto, amparada na investigação sobre os signos dos elementos textuais da ficção em análise. Como já supracitado, o objetivo deste trabalho é analisar através da corrente crítica Sociológica, os elementos que compõem o texto amparada na investigação sobre os signos dos elementos textuais da ficção em análise sobre a violência nos contos de Rubem Fonseca, Schnaiderman avalia que,

Assim, as vozes de barbárie são contaminadas por algo que não se coaduna com a palavra ‘bárbaro’. E a crueldade máxima, o ápice da violência, está muitas vezes matizada por algo que lhe é claramente oposto. O rude, o excrementício, liga-se às vezes ao maior lirismo, numa construção ritual. (SCHNAIDERMAN, 1994, p.774).

Metodologia

O presente artigo constitui-se por meio de pesquisas bibliográficas, em que buscou-se a vida do autor, dados históricos da época, enredo e aprofundamento da corrente crítica sociológica, relacionando com o conto, através de uma fundamentação teórica com os estudos de Antonio Candido (2000) e Mikhail Bakhtin (1984).

Discussão

José Rubem Fonseca nasceu dia 11 de maio de 1925 em Juiz de Fora, Minas Gerais. Desde os oito anos reside no estado do Rio de Janeiro. Estudou direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, antiga Universidade do Brasil. Em 1953, foi indicado para se aprimorar nos Estados Unidos. No decorrer desse período fez mestrado em Administração na New York University. Voltando ao Brasil em 1954. Antes de se dedicar inteiramente a literatura, Fonseca foi policial, onde se destacou mais no gabinete, do que nas ruas. Em 1958 foi exonerado do cargo e dedicou-se totalmente a literatura (FRAZÃO,2017).

As experiências vivenciadas pelo autor serviram demasiadamente como base para suas obras, tornando-as mais realistas, na qual retrata de vários ângulos a violência, que é o grande tema presente em suas obras. (CARDOSO, 2004).

Fonseca iniciou na literatura com o livro de contos “*Os prisioneiros*”, lançado em 1963. Logo a pós publicou “*A coleira do cão*” em 1965, “*Lúcia McCartney*” em 1967, “*O caso Morel*” em 1973, “*Feliz Ano Novo*” em 1975 que foi censurado pela Ditadura Militar, entre outros. (SANTANA, 2017).

O Departamento de Censura e Diversões Públicas (DCDP), censurou a circulação do livro *Feliz Ano Novo* de Rubem Fonseca. em 17 de dezembro de 1976, por meio do despacho do Ministro da Justiça da época Armando Falcão, publicando no Diário Oficial da União.

Proc MJ-74.310-76 – Nos termos do parágrafo 8º do artigo 158 da Constituição Federal e do artigo 3º do Decreto-lei nº. 1.077, de 26 de janeiro de 1970, proíbo a publicação e a circulação, em todo o território nacional, do livro *Feliz ano novo*, de autoria de Rubem Fonseca, publicado pela Editora Artenova S.A., Rio de Janeiro, bem como determino a apreensão de todos os seus exemplares expostos à venda, por exteriorizarem matéria contrária à moral e aos bons costumes. Comunique-se ao DPF. Publique-se. Brasília, 15 de novembro de 1976 (REIMÃO, 2008, p. 150)

O referido livro data-se de 1975, sendo que até o final de 1976 tinha vendido 12 mil exemplares, encontrando-se na quinta posição de livro ficcional mais vendido no país, segundo a revista *Veja*, na edição de 31 de dezembro de 1975.

Feliz ano novo foi o quinto livro de Rubem Fonseca. Desde seu primeiro “*Os prisioneiros*” publicado pela Codecri em 1963, a temática da violência tem sido central em sua produção literária. Como todos os seus livros anteriores, *Feliz ano novo* é uma coletânea de contos. São quinze contos relativamente curtos, totalizando 144 páginas com um projeto gráfico despojado – sem orelhas, sem prefácio e com uma diagramação convencional (REIMÃO, 2008, p. 154).

O processo de censura em relação ao livro *Feliz ano novo* foi exposto por Lygia Fagundes Telles no *Jornal do Brasil*, na data de 19 de janeiro de 77. Silva (1989) em seu livro *Bastidores da censura: sexualidade, literatura e repressão pós 64*, encontra o referido documento citado:

[...] ela relata como um estudante de Brasília lê um livro de Rubem Fonseca, vem o pai, que percorre, meio por acaso, algumas páginas do livro. O pai em questão é íntimo de um ministro. Alertado por esse pai, o ministro manda um funcionário ler o dito livro. Funcionário e o ministro fazem cara de horror e o livro é proibido. [...] alertado mais uma vez, o ministro resolve ele mesmo ler o livro. Recebe-o com passagens assinaladas em vermelho. Escandaliza-se outra vez, agora para justificar a proibição. Lygia Fagundes Telles, encerra a matéria afirmando a existência de uma minoria que se põe a ostentar o poder de “proibir os livros dos quais não gosta, sem examinar a sua qualidade artística”. O parecer elaborado por um técnico do DCDP em 03/12/ 1976, que deu origem ao despacho de censura publicado em 17/ 12/1976 (SILVA, 1989, p. 86).

O conto *Passeio Noturno* - parte I tem início com o personagem principal chegando a sua residência vindo do trabalho, “Cheguei em casa carregando uma pasta cheia de papeis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas e contratos” (FONSECA, 2012, p.35). Este então começa a observar o que está a sua volta, todos os sons e sinais possíveis de sua casa, “Os sons da casa. Minha filha no quarto dela treinando impostação de voz, a música quadrifônica do meu filho”, (FONSECA, 2012. p.35). Sem muita paciência, ele então resolve isolar-se em um cômodo da casa, como habitualmente fazia, até que chegue a hora do jantar, “fui para biblioteca o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Entrou minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?” (FONSECA, 2012, p.35).

Após o jantar, no intuito de relaxar, o protagonista resolve propor a sua esposa que o acompanhe em um passeio de carro, mesmo sabendo que esta não aceitaria o convite, “Vamos dar uma volta de carro? convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela” (FONSECA, 2012, p.35).

Partindo desse passeio, o personagem então começa a selecionar lugares e pessoas para que possa concretizar seu crime, “sai como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta homem ou mulher? Realmente não fazia muita diferença, mas não aparecia ninguém em condições” (FONSECA, 2012, p.35). Orgulhoso do que acabara de fazer o personagem então decide voltar para casa pois sabia da sua rotina cansativa e estressante no dia seguinte: “Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve no para-lamas, os para-choques sem marcas (FONSECA, 2012, p.36). A família estava vendo televisão. Vou dormir, boa noite para todos, amanhã vou ter um dia terrível na companhia” (FONSECA, 2012, p.36).

Segundo Silva (2009) a crítica sociológica busca observar o acontecimento da literatura como componente de um contexto maior que se apresenta na sociedade. Candido (2000) avalizou que um texto literário não é melhor porque reflete bem a sociedade, mas, sim, um texto literário é bom porque é bem escrito, porque trabalha a linguagem de forma criativa, porque utiliza “os espaços em branco”, porque tem como ponto de partida que, a literatura é uma necessidade universal, experimentada em todas as sociedades, desde as mais primitivas até as mais avançadas, pois o homem necessita fabular sua existência. Afirmou ainda que o homem tem na literatura a porta para o entendimento do mundo, pois, por mais que a ciência acrescenta ao homem a literatura é o próprio homem.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 2000, p. 16-17).

Segundo Candido (2000) é “da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando o sentimento dos valores sociais” por mas o estudo baseasse nas concepções de Antonio Candido para produzir a referida análise sob a perspectiva da corrente crítica sociológica.

Segundo Bosi (1981) Rubem Fonseca tem como tema regular em suas obras a violência, pintando a figura humana, as mazelas da sociedade, fazendo-se presente nas ruas, nas relações interpessoais, em uma linguagem sem rodeios com as palavras construída numa fala sem pudor. Como escritor pós modernista o realismo visceral de Fonseca envolve, perturba e descontrói o pudor do leitor através de seus personagens.

De acordo com Bosi (1981) essa nova roupagem da linguagem abordada por Fonseca em suas obras é resultado da correlação homem e o mundo. Diante disso, aspectos como um discurso sem rodeios, com escassez de crenças ou concepções morais, individualista, com a fusão do real com imaginário em uma exposição da oralidade cotidiana promovendo “uma literatura que respira fundo a poluição existencial do capitalismo avançado, de que é ambigualmente secreção e contraveneno”, produz no personagem marginal suas várias marcas: “lesões de vários graus, que a sociedade de classes não cessa de produzir no tecido moral do anti-herói contemporâneo” (BOSI, 1981, p.20).

Fonseca não nomeou suas personagens, elas apresentam-se sem nomes na diegese, e assim o leitor se vê obrigado a dar vida, rostos e nomes as personagens do conto, tornando-os ainda mais assustadores e íntimos para os seus leitores. Desse modo, esta construção da identidade das personagens são feitas tanto por Fonseca quanto por seus leitores.

Documentando o cenário de horror que a sociedade da época passava como os desaparecimentos de milhares de cidadãos brasileiros, que permanecem até os dias atuais sem explicação, a personagem principal faz a exposição deste cenário ao leitor que depara-se com “Os anos de chumbo” referindo-se ao período que vai do governo de Costa e Silva até o final do governo Médici, considerado o período mais violento do Brasil, diante disto, a personagem alivia-se do stress do dia a dia e do vazio doméstico, matando transeuntes com frieza e brutalidade, abstendo-se das noções de impunidade, incapacitação de sentir culpa ou remorso, exorcizando assim seus fantasmas e tormentos, assim como os militares faziam com os cidadãos que ocasionavam problemas na época da ditadura.

Passeio noturno Parte I permite que o leitor de Fonseca viva ficcionalmente o pânico, embarcando na macabra noite de São Paulo que o conduzirá a homicídios brutais cometidos pela personagem anônima do conto, deixando que o leitor olhe por uma fenda artística criada por intermédio de Fonseca, as atrocidades que cotidianamente aconteciam em 1975.

Referência

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética: **a teoria do romance**. – São Paulo: HUCITEC, 1984.

BOSI, A. **O conto Brasileiro Contemporâneo**. Os trabalhos da Expressão. 4ed. São Paulo: Cultrix, p. 20, 1981.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: **Momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, p. 16-17, 2000.

CARDOSO, Fernanda. **RUBEM FONSECA: VIOLENTO, ERÓTICO E, SOBRETUDO, SOLITÁRIO** Disponível em:
<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00004.htm>> acesso em 05 de abril de 2018.

D’ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental** – autores e obras fundamentais. 2ed. São Paulo: Ática, 1997.

FONSECA, Rubem. Feliz Ano Novo. Passeio Noturno Parte I. ed. Saraiva, Rio de Janeiro, p. 35-36. 2012.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Rubem Fonseca** Disponível em: <https://www.ebiografia.com/rubem_fonseca/> Acesso em: 05 de abril de 2018.

REIMÃO, Sandra. Dois livros censurados: **Feliz ano novo e Zero**. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Pós Com-Methodista, a. 29, n. 50, p. 149-161, 2. sem. 2008.

SANTANA, Ana Lucia. **Rubem Fonseca**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/rubem-fonseca/>> acesso em 05 de abril de 2018.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Vozes de barbárie, vozes de cultura: uma leitura dos contos de Rubem Fonseca**. In: FONSECA, Rubem. Contos reunidos. Companhia das Letras, 1994, p.774.

SILVA, Marisa Corrêa. **Crítica Sociológica**. 3 ed. rev Rio amp. Maringa: Eduem, 2009.

SILVA, D. da. **Nos bastidores da censura: sexualidade, literatura e repressão pós 64**. São Paulo: Liberdade, p. 86, 1989.